

## A CULTURA DOCENTE NO CONTEXTO ESCOLAR<sup>1</sup>

*Alexandre Paulo Loro<sup>2</sup>*

*Elisete Tomazetti<sup>3</sup>*

**RESUMO:** Visamos refletir nesse trabalho sobre algumas questões relativas à cultura escolar, visto que a escola sempre transmite, esquece e produz sua própria cultura. O que nos levou a desenvolver uma pesquisa bibliográfica foram as discussões surgidas a partir do Seminário em Política, Educação e Cultura no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Percebemos que docentes e estudantes ao organizarem-se cooperativamente podem partilhar responsabilidades e vir a aprender e recriar a cultura de seus antepassados e de seus contemporâneos. Para haver uma renovação da cultura escolar como espaço público é necessário que os professores refaçam uma ligação forte com o espaço comunitário; renovem o modelo escolar pela capacidade de adaptação à diferença; e que seu conhecimento específico seja reconhecido. Para isso, há necessidade de os professores melhorarem a qualidade dos processos educativos, recriarem concepções diferentes de trabalho e organização e serem capazes de estabelecer novas relações com as diferentes formas de conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Escola. Professores.

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido a partir do Seminário em Política, Educação e Cultura (LP2) do curso de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>2</sup> Ms. em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Área de concentração: Educação Brasileira. Linha: formação docente, saberes e desenvolvimento profissional; Membro do GEPEIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social); Professor de Educação Física na rede pública de ensino de São Miguel do Oeste/SC e Barra Bonita/SC.

End.: Rua Severino Veronese, 1 - Jd Peperi. São Miguel do Oeste - Santa Catarina.

E-mail: [alexandrepaulloro@yahoo.com.br](mailto:alexandrepaulloro@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Profa. Dra. Depto. de Fundamentos de Educação – PPGE - Centro de Educação da UFSM - Membro do GEPFOP (Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação e Profissionalização de Professores).

End.: Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Metodologia do Ensino. Campus Universitário - Centro de Educação - Sala 3332-B – Camobi. CEP: 97100-000 - Santa Maria – RS.

E-mail: [elisetem@via-rs.net](mailto:elisetem@via-rs.net)

## THE TEACHING CULTURE IN THE PERTAINING TO SCHOOL CONTEXT

**ABSTRACT:** In this project, we aim to reflect on some issues related to school culture, considering that the school always transmits, forgets and produces its own culture. The number of debates aroused from the Seminar in Politics, Education and Culture, in the Post Graduate Program for Education, at the University of Santa Maria, is what led us to develop this bibliographic research. We noticed that teachers and students, when cooperatively organized, are able to share responsibilities, and learn and recreate the culture of both their ancestors and their contemporaries. To have a revival of the school culture as a public space it is indispensable that teachers re-establish a strong bond with the community, renew the school pattern through the ability to adapt to general differences, and have their specific knowledge recognized. To reach those goals it is essential that teachers improve the quality of their educational processes, recreate different working and organizing concepts, as well as be able to establish new relations with the different forms of knowledge.

**KEY WORDS:** Culture. School. Teachers.

## INTRODUÇÃO

Questões de transmissão da cultura são cruciais, principalmente quando nos remetemos à escola. É questionável o que verdadeiramente merece ser ensinado a título de estudos gerais nesta organização, visto que, vivemos uma época de mudança de paradigma. Trazemos a contribuição de Forquin (1993, p. 10) o qual diz que “toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores”. Tudo isso que é ensinado deve ter valor e significado para que não se corra o risco de cair na superficialidade. Esperamos que a educação, através de seus objetivos, possibilite aos sujeitos adquirir qualidades e competências, que se tem por relativamente ou intrinsecamente desejáveis. Mas, para isso nem todos os componentes da cultura, no sentido sociológico, são de igual utilidade e valor.

Na educação escolar, os conteúdos são sempre selecionados e re-elaborados no interior de uma cultura, transmitindo assim, a permanência e a idéia de algum valor cultural. Neste sentido, acaba-se conservando alguns aspectos e esquecendo outros. “A educação escolar não consegue jamais incorporar em seus programas e seus cursos senão um espectro estreito de saberes, de competências, de formas de expressão, de mitos e de símbolos socialmente mobilizadores.” (FORQUIN, 1993, p. 16)

Diante do rompimento com a tradição e a autoridade, rapidez e aceleração

do ritmo das mudanças fica difícil a conservação de uma determinada cultura e entram em cena novas culturas. A cada geração, novos elementos surgem, outros desaparecem, dificultando cada vez mais as relações existentes entre cultura e escola. É questionável então, que herança cultural vem sendo transmitida e conservada na escola e qual o papel desempenhado pelos professores dentro deste contexto, à medida que a cultura mudou o seu norte.

## A CULTURA ESCOLAR

A crise pela qual passa a educação brasileira é visível. Esta situação convida-nos a rever nossas idéias e a conhecer melhor as relações efetivamente praticadas na escola. Principalmente ao nos referir às complexas relações sociais que ocorrem no processo institucional da educação e de sua cultura específica. Neste sentido, Azanha (1993, p. 70) sugere um “mapeamento cultural da escola” implementado mediante projetos de pesquisa. O autor enfatiza que, através de um amplo conjunto de investigações é possível cobrir o “amplo espectro das manifestações culturais que ocorrem no ambiente escolar e que se objetivam em determinadas práticas”. Estes projetos estariam voltados a compreender a cultura da escola (aculturação); a relação do saber teórico e prático dos docentes em relação à escola, e estudos sobre políticas e reformas educacionais (o que até então não vem sendo feito). Através de pesquisas podemos identificar elementos de uma cultura comum e visualizar novas culturas.

A cultura escolar é marcada por relações conflituosas com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas. As normas escolares permanecem tradicionais e colaboramos com isso sempre que nos distanciamos da realidade, à medida que privilegiamos os sistemas, sejam eles de poder ou de burocracias. Estes sistemas por sua vez, não levam em consideração o contexto. Outro exemplo são as próprias disciplinas escolares, parte integrante da finalidade educativa. Devido a sua complexidade, estas não podem ser fragmentadas e reduzidas a ensinamentos programados. Julia, (2001, p. 10) descreve a cultura escolar “como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”.

Diante das disposições gerais atribuídas pela sociedade à escola, os professores dispõem de autonomia para lidar com as disciplinas, pois sempre têm a possibilidade de questionar a natureza de seu ensino (sendo a liberdade evidentemente muito maior nas margens do sistema), sendo possível a mudança dos conteúdos ensinados. O público também muda e, ao mudar, impõe alterações.

Diante desse contexto, em uma sociedade onde está fragmentada a regulação comum dos costumes e individualização das crenças, que poderes tem a escola?

As reflexões sobre a cultura escolar nos remetem a repensar o que trabalhar com nossos alunos. A escola sempre transmite cultura, esquece cultura e produz sua própria cultura não sendo uma mera transmissora dela. O “ pilar da cultura geral como elemento fundamental da formação do sujeito, responsável pela sua preservação está abalado” (TOMAZETTI, 2006, p. 71). Posturas autoritárias e o conservadorismo de uma única tradição não condizem mais com a complexidade da realidade. Os perfis das famílias mudaram, nem mesmo a própria religião serve mais como referência de moral. Fischer (2002) nos diz que atualmente é impossível fechar os olhos e se negar a ver que os espaços da mídia constituem-se também como lugares de formação cultural, juntamente com a escola, família, e instituições religiosas. Além destas, ainda há outras instituições e grupos sociais responsáveis pelo processo de transmissão cultural.

Todos esses espaços encontram-se em constante mudança. Nas palavras de Arroyo (2004), estas imagens outrora idealizadas e cristalizadas, quebraram-se. A escola vem a ser apenas mais um espaço de formação, que se encontra em profunda crise. O que vem sendo trabalhado nem sempre tem relação com a vida dos alunos. Alguma vez perguntamos aos alunos o que pensam sobre os atuais conteúdos? Se esta cultura escolar faz algum sentido? Ainda há professores que acreditam numa cultura verdadeira, a chamada cultura do “C” maiúsculo. Hall (1997, p. 20) enfatiza que

Queiramos ou não, aprovemos ou não, as novas forças e relações postas em movimento por esse processo estão tornando menos nítidos muitos dos padrões e das tradições do passado. Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica do novo milênio.

Para o referido autor, a cultura é a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas na qual a língua recorre a fim de dar significado às coisas. Neste sentido, a escola tem o poder de produzir uma forma de regulação e classificação e, por sua vez, requer seu próprio universo distinto de significados e práticas - sua própria cultura. Trata-se de um “arranjo de poder discursivo ou simbólico” que nos governa, regula nossas condutas, ações sociais e práticas e, é capaz de constituir novos sujeitos.

Hall (2005) simpatiza com a idéia de que as identidades modernas estão sendo descentradas, deslocadas, fragmentadas. Esta mudança estrutural está transformando as sociedades. Os sujeitos que a ele pertencem e a constituem (Sujeitos Pós-Modernos) não têm uma identidade fixa, essencial e permanente. Sua identidade é definida historicamente. O sujeito assume diferentes identidades, às vezes contraditórias, em diferentes momentos. Os sistemas de significação e representação cultural multiplicam as identidades.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (p. 13)

A sociedade atual é marcada pela diferença. As mudanças (de ritmo e alcance) são constantes, rápidas e permanentes. Seu efeito desestabilizador nos convida a fazer um exame constante das práticas sociais e da vida e (re) direcionar o nosso olhar à cultura. Iniciemos ao recusar os dualismos (alta cultura e baixa cultura, cultura de massa e cultura burguesa) e a tradição Arnoldiana que traz a “cultura como o que melhor se pensou e disse no mundo” (COSTA, 2004, p. 15), como se a harmonia e a beleza fossem cultivadas por alguns iluminados e a barbárie, produzida pela grande maioria dos indivíduos.

Não se trata de uma simples mudança do conceito, mas transformações na própria concepção e deslocamento naquilo que se tem entendido e tomado por cultura. O que pode levar seu significado a ser negociado e fixado. “É uma rede de representações - textos, imagens, conversas, códigos de condutas e as estruturas narrativas que os organizam - que molda cada aspecto da vida social.” (FROW; MORRIS, 1997, p. 345 apud COSTA, 2004, p. 25). Ou seja, a cultura está ligada ao domínio político, estruturado através da representação e do poder. Neste sentido, os Estudos Culturais podem vir a contribuir com o debate, devido a sua multiplicidade de possibilidades de análise.

Os significados de uma determinada cultura não estão nas coisas em si, mas são um produto de como é essencialmente concebido pela linguagem e representação. Hall (1997) trás à tona a discussão da cultura como a soma de diferentes sistemas de classificação e formações discursivas a qual a língua recorre, a fim de dar significado às coisas. Neste sentido, a “Virada Cultural” pode ser entendida como um poder instituidor de que são dotados os discursos circulantes no circuito da cultura. Noticiário de TV, imagens, músicas, além de

manifestações culturais são artefatos produtivos e práticas de representação que inventam sentidos, circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias estabelecidas.

Nossas ações e condutas são “reguladas” pelos significados culturais. Neste contexto, o professor encontra-se inseguro, tenso e ameaçado por uma evolução acelerada que não consegue responder. Certezas morais e ideológicas agora são questionadas e se desvanecem, sem encontrar substituto nem compensações válidas e críveis. (GÓMEZ, 2001, p. 164)

## A CONTRIBUIÇÃO DOCENTE

Por muito tempo, a escola se preocupou com a reprodução do saber abstrato. Ao se preocupar demasiadamente com esse aspecto, conduziu-o a um desenvolvimento transitório de aprendizagem pouco relevante, classificadora e legitimadora, distante da rotina cotidiana, distante dos sujeitos, sobretudo os pertencentes a grupos sociais e culturais desfavorecidos da aprendizagem e da busca do conhecimento.

A cultura escolar se encontra num momento delicado, pois vive uma tensão preocupante e inevitável entre as exigências de um contexto social móvel, mutável, flexível e incerto. Para Gómez (2001) a cultura escolar<sup>4</sup> é influenciada por diversos aspectos. De um lado, pela complexidade tecnológica, pluralidade cultural e dependência dos movimentos do livre mercado mundial. De outro, pelas rotinas, convenções, costumes estáticos e monolíticos de um sistema escolar sem flexibilidade, opaco e burocrático. Em meio a este dilema, num momento atual de transição paradigmática, encontra-se o professor, buscando novos papéis, mesmo de maneira ainda confusa.

Professores e alunos nem sempre conseguem seguir à risca as normas escolares, sejam suas prioridades, currículo e expectativas. A vida neste ambiente é bastante instável, complexo, às vezes até mesmo contraditório, pois vai modificando-se e aperfeiçoando-se dentro de um projeto ilimitado. Por isso, partilho com Gómez (2001) a idéia de repensar urgentemente a função da escola: de transmissora de informações a uma organização instrutiva, educativa e socializadora. E, facilitadora do pensamento autônomo e crítico de atitudes e capacidades de intervenção reflexiva:

Viver a cultura na escola, interpretá-la, reproduzi-la e recriá-la, mais do que aprendê-la academicamente, requer a mesma amplitude e flexibilidade que a vida, isto é, conceber

a sala de aula como um foro aberto e democrático de debate, contraste e recriação das diferentes perspectivas presentes com maior ou menor implantação na comunidade multicultural da sociedade pós-moderna. (p. 266)

Há sempre uma margem, maior ou menor, de liberdade para autonomia, resistência e diversidade. Apesar da longínqua distância entre a escola que temos e a escola que queremos, acreditamos que ela se encontra nesse estado, não tanto por ignorância ou por deficiências formativas dos professores, afinal de contas, “sabemos muito mais do que aplicamos” (GÓMEZ, 2001, p. 295). Encontramos-na neste estado devido à força dos padrões, das rotinas e dos rituais de uma cultura escolar que responde a proposições bem diferentes e que, no entanto, não é utilizada com total naturalidade.

A cultura do professor é carregada de crenças, hábitos, valores e normas dominantes que determinam o que é valioso em seu contexto profissional, os modos politicamente corretos de pensar, sentir, atuar e se relacionar. Porém, vivemos em um momento de tensão em que reina a insegurança e a confusão, devido às rápidas mudanças de nosso tempo. As certezas morais e ideológicas de ontem, recaem sobre incertezas e questionamentos de hoje. Tudo isso, pode levar o professor ao isolamento em sua sala de aula, como se fosse um santuário.

O isolamento é uma característica bastante frequente na cultura escolar. O professor ao se inserir em sua sala, sente-se um tanto livre das pressões cotidianas e, pode então, agir livremente. Por esse motivo, essa atitude é muitas vezes confundida com autonomia. Isso trás consequências prejudiciais para o seu desenvolvimento profissional, para a prática educativa de qualidade e desenvolvimento satisfatório. As melhoras, as inovações não se dão apenas pela compreensão intelectual, mas pela vontade de romper com determinadas culturas que herdamos (conservadora, reprodutora, acrítica). A falta de aproximação e de diálogo com outras áreas de conhecimento fragmenta ainda mais o saber e esta maneira de exercer a prática pedagógica, construída ao longo da trajetória docente, não enriquece em nada a vida escolar.

Além do isolamento, também há a cultura da competitividade docente. Esta leva ao individualismo, estendendo a rivalidade entre seus alunos. Falta o equilíbrio entre responsabilidade individual e responsabilidade compartilhada. Toda vez que os meios de aprendizagem são tidos como um fenômeno individual e não coletivo, cria-se um clima impróprio à colaboração e relacionamento cooperativo. Quando projetos de trabalho cooperativo transformam-se em contratos individuais, cada sujeito responde ao assumir as exigências da planificação que ele mesmo assinala em sua participação.

A falta de respeito às diferenças e a pregação de uma cultura uniforme, ignora e cala a voz daqueles que poderiam emergir e fazer a diferença. Falta cultivar a cultura da colaboração, que é uma condição reflexiva capaz de proporcionar aprendizagem significativa, relevante e eficaz. Nas palavras de Gómez (2001, p. 174):

A cultura da colaboração é o substrato básico intelectual e afetivo para enfrentar a incerteza e o risco do fracasso. A incerteza, o fracasso e o conflito não são conseqüências indesejáveis de um processo de mudança e aprendizagem, mas seus companheiros inevitáveis, sempre que o processo de aprendizagem individual ou social seja suficientemente relevante para afetar parcelas fundamentais da vida individual e coletiva.

A aprendizagem relevante de cada estudante requer a integração do conhecimento, de vivência e criação cultural. Esta integração pode ser facilitada pela seleção dos conteúdos do currículo de ensino que, por sua vez, deve ser sempre contextualizado, correspondente à capacidade do professor compreender o que cada aluno e/ou grupo necessitam. Esse aspecto visa provocar o estudante à cultura crítica do pensamento elaborado. Trata-se de um projeto cultural comum vivido em comunidade. Docentes e estudantes, ao organizarem-se cooperativamente, aprendem e recriam a cultura crítica de seus antepassados e de seus contemporâneos, partilhando responsabilidades.

#### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A cultura escolar pode ser modificada e vir a transformar os processos cotidianos das pessoas. A este respeito, Cornelius Castoriadis (1987) enfatiza a incessante criação a qual estamos inseridos. São significações instituídas e “instituintes” que dão sentido ao nosso ser e ao nosso fazer. É nessa dinâmica entre o que está posto (imaginário instituído) e o que pode vir a ser (imaginário instituinte) que poderá germinar uma possibilidade de criação e de abertura ao novo.

Criou-se o hábito nas escolas de se valer de idéias, valores e crenças que não nasceram de sua própria autenticidade. Ao receber e devolver à sociedade uma única cultura, sem inovação, e repetir o que já foi criado, a escola faz com que os sujeitos não sintam necessidades autênticas. Partilhamos com Ortega y Gasset (1970) a opinião de que a cultura é um produto da autenticidade do

ser humano e, quando isso não ocorre, passa a haver a falsificação da vida. E, este ser demasiado culto e socializado, que vive de uma única cultura parte de uma premissa falsa. Surge a necessidade de uma outra cultura, mais autêntica e, assim, surgem as crises. A cultura é a interpretação que damos à vida. A nossa vida não pode ser uma falsificação de si mesma. Nossas práticas pedagógicas não podem consistir em reprodução.

Todas as ações devem ser entendidas dentro do contexto, no “mundo da vida”. Ou seja, tudo aquilo que não pode ser tematizado, que nos ultrapassa e nos constitui: são nossas raízes, tradições culturais e essência. No entanto, a escola sempre foi marcada por sistemas de poder e burocracias, desconectada da realidade, desconsiderando o contexto. Ao problematizar esse processo, percebemos que a comunidade foi se afastando da vida escolar por esses motivos. Questões mais importantes para a comunidade escolar acabaram por ser secundárias e a escola acaba não tendo sentido.

O mundo contemporâneo é prático, exige a valorização da comunicação intersubjetiva, interação, discussão, solidariedade e diálogo entre as pessoas como princípio e ponto final de entendimento, além da valorização da alteridade e as ações humanas. Os professores, ao se preocupar com questões éticas, estéticas, ambientais e demais valores importantes para a formação, possibilitariam reverter, ou pelo menos amenizar, o cenário de competitividade herdado da razão instrumental.

Para que haja a renovação da cultura escolar como um espaço público, seria interessante reforçar o poder de iniciativa e a presença social nas escolas, o que traz a questão da comunidade; reorganizar a escola como espaço multipolar, composta de lugares físicos e virtuais, também é uma opção para o trabalho e a autonomia e, por fim, recompor o saber na sociedade atual, para tratar do conhecimento. Estas três questões trazidas por Nóvoa (2006, p. 32) (comunidade, autonomia e conhecimento) se traduzem em dilemas para nossa profissão docente e, a partir delas, menciona suas três teses:

- 1) *Da necessidade dos professores refazerem uma ligação forte com o espaço comunitário*: as atividades docentes são caracterizadas por grande complexidade do ponto de vista emocional, pois vivem num espaço carregado de afetos, sentimentos e conflitos. Os professores são chamados a uma intervenção técnica, política e participativa em debates sociais e culturais e trabalho contínuo em comunidades locais.
- 2) *A renovação do modelo escolar pela capacidade de adaptação à*

*diferença*: repensar o trabalho docente numa lógica de projeto e colegialidade através da teorização e de sistematização.

3) *O reconhecimento do conhecimento específico dos professores*: tarefa difícil de ser definida, devido a sua dimensão teórica, prática e experiencial. Estamos perante um conjunto de saberes, competências e atitudes mais a sua mobilização numa determinada ação educativa.

Portanto, a escola necessita refletir sobre o seu lugar no trabalho docente, como profissão sociocultural, com base de formação e centrada em saberes sociais. Para isso, há necessidade de compromisso dos professores, como atores sociais, em melhorar a qualidade dos processos educativos. Os professores devem estar ligados às comunidades, recriarem concepções diferentes do trabalho e organização, e serem capazes de estabelecer novas relações com as diferentes formas de conhecimento. O professor constitui o eixo fundamental da educação e deve, por isso, assumir a responsabilidade das mudanças não somente em nível cultural, mas também social e tecnológico.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- AZANHA, José Mario Pires. *Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisa*. Cadernos de História e Filosofia da Educação, São Paulo, v. 1, n. 1, 1993.
- CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto I. Os domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- COSTA, Maria Vorraber. *Estudos Culturais - para além das fronteiras disciplinares*. In: ESTUDOS culturais em educação: mídia, arquitetura, biologia, cinema... Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, jan./jun., 2002.
- FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GÓMEZ, Pérez. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, SP, n. 1, jan./jul., 2001.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, jul./dez., 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NÓVOA, Antonio. Os professores e o “novo” espaço público da educação. In: GONÇALVES, Rita de Athayde et. al. (Orgs.). *Educação e Sociedade: perspectivas educacionais no século XXI*. Santa Maria: UNIFRA, 2006

ORTEGA Y CASSET, J. *Obras completas*. 7. ed. Madrid: Ediciones de la Revista del Occidente, 1970. v. 5.

TOMAZETTI, Elisete. *Cultura e escola no contemporâneo*. *Cadernos de Ensino, Pesquisa e Extensão*, Santa Maria, n. 75, 2006.

Recebido em: set./2008

Aprovado em: set./08